

ELAYNE BAETA

O AMOR
não
É ÓBVIO

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO
2019

1

FICÇÃO VERSUS REALIDADE



Eu ainda não tinha me recuperado daquele capítulo de *Amor em atos*. Tudo parecia perfeito na novela, e eu me sentia um pouco otária por desejar um pingão daquela realidade na minha vida. Fala sério, o primeiro beijo da Rosa e do Edgar foi no tráfego, com o sinal aberto, embaixo da chuva... Isso é no mínimo *incrível*.

Mas sei que se um dia eu tentasse reproduzir isso, eu seria atropelada e ainda terminaria gripada – se eu sobrevivesse às fraturas, é claro. Por que a vida real é tão falha?

Como se não bastassem os motivos que tinha pra lamentar minha existência naquela sexta-feira, ainda tive que receber da diretoria uma intimação pra comparecer à palestra de educação sexual. Quando quase todas as garotas do primeiro ano começam a aparecer grávidas, seu colégio inventa isso, uma coisa chamada Semana de Combate à DST, para não ficar tão óbvio que tudo se trata de uma indireta para que as pessoas comecem a ter relações sexuais com proteção. Não devo reclamar tanto disso, porque não fui eu quem teve que distribuir folhetos vestida de preservativo (sinto muito por isso, Wilson).

Ainda assim, é realmente bizarro como o primeiro ano anda tão precoce. Quer dizer, pra algumas pessoas, bizarro mesmo é se formar virgem. Mas eu não ligo muito pra isso. Minha vida segue *vivível*, contanto que nem Rosa, nem Edgar morram. Mas algumas pessoas estão obcecadas com isso, e com “algumas pessoas” eu quero dizer...

– Você acredita que a Júlia Pinho não é mais virgem? – Essa, desesperada pela vida sexual de terceiros, é a Poliana Rios, minha melhor amiga. Enlouqueceu, como boa parte das pessoas, na Semana de Combate à DST.

– Oi, Polly – eu disse, quando Polly ergueu minha mochila para ocupar o assento que eu guardava pra ela.

Eu estava no auditório desde as 7h e acompanhei todo o crescimento daquele barulho infernal. O som dos alunos conversando sem parar, de risadas, de copos descartáveis sendo esmagados, de batiques na cadeira e de ventiladores enferrujados era insuportável. Talvez eu devesse pedir indenização, caso saísse dali surda.

– Não, sério – disse Polly, soando incrédula, enquanto eu olhava o diretor, Sr. Álvaro, ajeitar o microfone à sua altura. – Como a Júlia Pinho pode já ter perdido a virgindade e eu não? Ela é tão...

O som estridente do microfone ecoou pelo auditório, fazendo com que todo mundo calasse a boca. Sobre a indenização, estou falando sério.

– É, hum, bom dia. – A voz grave de locutor de rádio do Sr. Álvaro eclodiu. – Como vocês devem saber, esse é o último dia da Semana de Combate à DST e eu gostaria de agradecer muito a todos os alunos que colaboraram para que ela acontecesse. – Nesse momento, ele se virou para alguém na plateia. – Em especial a você, Wilson Zerla.

O que fez com que alguém no auditório gritasse “Homem-Preservativo!” e todos caíssem na gargalhada. Exceto eu, que tinha pena do Wilson, e Polly, que estava digitando freneticamente no papel A4 que ela chama de celular e nem sequer prestava atenção na fala do diretor. Sério, o que aconteceu com os smartphones? Por que eles estão cada vez maiores e mais finos?

– Isso não tem graça, pessoal, foi um trabalho sério e muito bem executado – corrigiu o Sr. Álvaro, em seu famoso tom de bronca. – Gostaria

de dizer a todos que, para o último dia de atividades neste projeto, teremos uma sessão de filme sobre sexualidade às 10h, aqui no auditório. Os alunos que quiserem substituir a aula pelo filme precisam assinar as fichas que estarão com a professora Cristiane. A cabine de preservativos fecha às 11h, e tivemos muito sucesso com a distribuição deles.

O barulho de pessoas conversando e rindo ressurgiu imediatamente depois dessa última frase. Vi os gêmeos Colosso se entreolharem com um sorriso cínico – o mesmo que eles usaram todas as trezentas e sessenta e sete vezes que os vi pegando preservativos nessa cabine, da segunda-feira pra cá. Não me admiro se eles forem pais de metade dos bebês dessas garotas do primeiro ano e, com a cabine de preservativos, estivessem poupando os gastos com farmácia.

– Droga, vou ter que sair mais cedo – disse Polly, olhando para o celular.

Os cabelos encaracolados e volumosos caíam sobre seu rosto, enquanto a luz azulada da tela iluminava a pele caramelo e os olhos cor de mel. Polly é realmente muito bonita para ser virgem, não que eu queira classificar a beleza das pessoas me baseando em suas atividades sexuais. Mas Polly é realmente muito bonita, e não é só sobre o seu físico: ela é extremamente divertida e legal com quase todo mundo, enquanto Júlia Pinho só sabe falar sobre si mesma e jogar todas as embalagens no chão. Tipo, sério, eu não perderia minha virgindade com uma pessoa que não consegue jogar uma embalagem de Mentos no lixo. Sonho com o dia que todas as embalagens vão criar vida e se unir pra jogá-la na lixeira.

– Minha mãe conseguiu bater o carro de novo. Sinceramente, não sei quando ela vai aceitar que não sabe dirigir. – Polly revirou os olhos.

O pai de Polly, Sr. Rios, tem uma patente alta no exército, o que significa dinheiro à vontade para que a mãe de Polly, a famosa Sandra Rios, faça loucuras pela cidade. Minha mãe sempre diz que não sabe como ela e Sandra conseguem ser amigas, porque Sandra é provavelmente a pessoa mais superficial da face da Terra. E tudo bem, porque às vezes não sinto que as prioridades de Polly sejam as mesmas que as minhas. Mas, pelo menos, Polly não bate o carro toda semana nem coloca um aplique

novo no cabelo a cada três dias. Essas são coisas com que mamãe precisa lidar tendo Sandra como amiga.

– Tenho que ir pro Hector Vigari, porque ela provavelmente quebrou alguma coisa. – Polly levantou da cadeira enquanto guardava o celular. – Te vejo mais tarde?

Com certeza não, foi o que pensei. Naquela noite, em *Amor em atos*, passaria a cena em que Edgar conta para Luiza Abrantes que está apaixonado por Rosa. E eu estava há meses esperando por isso. Somos amigas, Polly, mas não a esse ponto.

– Nossa, hoje realmente não dá. Preciso ajudar meu pai com umas coisas do supermercado – disse, com o melhor tom de chateação que eu podia usar.

Ok, vamos lá, por que eu menti? A verdade é que todos têm segredos. Tenho três grandes segredos para o mundo. Pra Polly, no entanto, apenas um. O primeiro é que eu converso com a Margot, minha gata, e *sinto* como se ela me respondesse. Polly sabe sobre esse porque antigamente ela passava mais tempo no meu quarto que eu mesma. O segundo é que eu sou apaixonada pelo mesmo menino, o Cadu, desde a oitava série. Esse Polly também sabe, por causa do incidente do xixi. Sim, eu fiz xixi na calça. Foi numa noite do pijama com Polly que eu acordei de um pesadelo chamando o nome dele, mas isso não necessariamente significa que eu seja vulnerável a ele como Rosa é vulnerável a Edgar, eu só tenho uma coisa, sabe? Uma atração que não sei explicar direito. Não é tão exagerada assim. Mas não digo que eu não beijaria ele no trânsito, mesmo correndo o risco de ser atropelada, porque é claro que eu beijaria. O terceiro, que é o único que consegui manter até agora, e, sinceramente, não faço questão que Polly descubra, é que... eu assisto a *Amor em atos* na casa da minha vizinha idosa, Dona Símia, várias vezes na semana.

Sempre que o capítulo vai ter algo interessante, já sabemos que veremos juntas. Então eu roubo uma pipoca no supermercado do meu pai e a Dona Símia já prepara cookies e sucos frescos, fora as balas que ela armazena naqueles potes. Os cachorros dela, que parecem travesseiros quando deitam no sofá, também ficam com a gente. Assistimos

juntas e choramos juntas. E não sei se Polly, ou qualquer outro adolescente, entenderia esse tipo de relação que tenho com uma idosa que não é a minha avó. No mundo adolescente é praticamente inaceitável que sua relação com idosos vá além da natural relação de parentesco. Quer dizer, ninguém aceita isso sem achar um pouco constrangedor ou estranho, não em São Patrique. Não é que eu não tenha amigos. Tenho a Polly e algumas pessoas com quem converso na sala, às vezes. Mas a Dona Símia é realmente meu espírito animal no corpo enrugado de uma senhorinha de 68 anos. E, fala sério, o cabelo dela é enorme e branco, muito mais bonito que o de qualquer pessoa que eu conheça. E sei disso porque já vi, apesar dos coques que ela usa o tempo inteiro.

Dona Símia é incrível, e qualquer pessoa que eu ache incrível e com quem tenha uma amizade representa uma ameaça pra Polly. Que é a pessoa mais ciumenta com quem eu já tive que lidar na minha vida.

Então, por todos esses motivos, Polly não precisa saber disso.

– Certo. Então, me liga, pelo menos – disse Polly enquanto se afastava.



Eu estava tentando não chorar fazia meia hora. Dona Símia, por sua vez, já estava com uma pilha de lenços amassados ao seu lado, sendo farejados por Lanterna, um de seus cachorros. Era inaceitável. Eu não sabia o que estava mais sem sal, a pipoca que peguei escondida na prateleira do Pêssego's Supermercado (meu pai e sua grande criatividade usando nos negócios o próprio sobrenome superconvencional), ou o enredo de *Amor em atos*, que foi do ápice para o fundo do poço em duas cenas. Edgar realmente contou para a Luiza Abrantes que gostava de Rosa, e mesmo assim ficou com a Luiza. É, hum... Por que diabos? Sim, isso mesmo, porque Luiza Abrantes está grávida.

Nunca achei tão útil a Semana de Combate à DST, com toda aquela coisa das palestras e filmes de educação sexual. E, Wilson, foi mesmo por uma boa causa. Porque, talvez, se no colégio de Edgar e Luiza tivesse ocorrido uma semana dessas, apenas talvez, eu não teria que passar por

isso. Qual o problema desse cara? Por que amar uma e engravidar outra? Qual o problema dos homens? E é isso. Esse é o fim do meu casal.

Três meses e eu ganho um beijo no tráfego, só isso? Tipo, sério, Maritza? É assim que você quer ganhar um prêmio de melhor roteirista de novela?

Algumas coisas simplesmente me aborrecem de uma forma tão absurda que prefiro fingir que não aconteceram.

E foi isso que disse para a Dona Símia quando ela me perguntou o que eu tinha achado daquele capítulo de *Amor em atos*, na varanda dela, enquanto eu descia aquela escadaria de apenas três degraus:

– Acho que podia ser melhor – Foi tudo o que saiu da minha boca enquanto eu tentava fingir que aquele capítulo não tinha destruído minha vida.

Corri pra casa e fiquei ouvindo Whitney Houston, chorando e olhando pro teto. Pensei um pouco em Cadu durante esse tempo. Eu tenho uma mania estúpida de associar meus personagens favoritos a ele.

Preciso parar de chorar fácil, principalmente porque começo a soluçar e meus pais percebem e surgem me perguntando se estou sofrendo. Daí se inicia uma conversa constrangedora que termina com panfletos de grupos de apoio e recomendação de bons psicólogos. Olhando por esse lado, mamãe realmente não pode reclamar de Sandra Rios como se ela mesma fosse normal. Meus pais realmente não são normais, e digo isso por motivos mais plausíveis do que chorar ouvindo Whitney Houston, pensando em *Amor em atos* e em Cadu Sena. Isso porque já é quase meia-noite e eles decidiram fazer panquecas ouvindo rock nacional, ignorando o fato de termos vizinhos. Inclusive uma que é idosa e minha segunda melhor amiga.

Margot me olhou com cara de desaprovação enquanto se lambia. Eu *sabia* que, em algum lugar na cabeça dela, a gata estava me achando extremamente idiota.

Foi quando meu telefone tocou, e não precisei de dois segundos para saber que era Polly.

– Oi, Pops – falei, levando o telefone pro chão, porque eu não queria me mover do tapete.

– Passei no mercado pra te ver e você simplesmente não estava, Íris
– Poliana estava com uma voz indignada. Eu podia visualizar ela revirando os olhos do outro lado da linha. Meu coração saltitou por ter sido pega no flagra. – Onde você tava? Eu precisava te contar uma coisa.

– É, eu... – Olhei em volta, procurando uma desculpa. – Decidi estudar pra apresentação do trabalho na segunda-feira e acabei pegando no sono. Foi mal.

Obrigada, livro de história na cabeceira!

– É por isso que você é virgem, você estuda sexta à noite, fala sério.

– Você não estuda sexta à noite e também é virgem – retruquei.

Polly ficou em silêncio por alguns segundos.

– Você pegou pesado nessa – disse ela, entre risos. – Mas já sei como resolver meu problema antes da formatura. Falando nisso, a gente precisa começar a pensar nos vestidos. É daqui a dois meses, nem acredito!

Nem eu acredito. Não me sinto pronta pra abandonar o Ensino Médio.

– Tô *tentando* juntar grana suficiente pra alugar alguma coisa legal na Marybeth's – falei, porque realmente estou. Eu passeio duas vezes por semana com a Lorient e o Lanterna desde que Dona Símia piorou de saúde e, também, desde que o último garoto que passeava com os dois cachorrinhos praticamente perdeu a Lorient no parque. Depois de muita panfletagem e dor de cabeça, ela foi encontrada num abrigo quase nos fins de São Patrique (sim, perceba que o meu colégio tem o mesmo nome da cidade, porque alguém, como meu pai, é bastante criativo nos negócios). Inclusive, foi depois do estresse com o sumiço da Lorient que a Dona Símia começou a piorar do coração. Mas acho que também posso culpar *Amor em atos* por isso.

– Fala sério, você diz isso faz meses – resmungou Polly, e pude ouvi-la arfar no telefone. – Você com certeza tá gastando o dinheiro que ganha com os cachorros daquela velha em alguma coisa.

“Daquela velha.” É assim que Polly enxerga Dona Símia. Preciso dizer mais alguma coisa sobre manter a parte da novela em segredo ser a melhor opção de todas?

– Eu não estou gastando com nada – respondi, mas, dessa vez, era mentira. Ando comendo pizza do Orégano's todo fim de semana, e tenho uma pilha consideravelmente grande de livros que compro no Leo-

ni's porque gosto da capa, mas nunca termino de ler. Talvez não sejam bons investimentos, mas eu não consigo parar. Estou viciada em frango com catupiry e capas coloridas.

– Eu te conheço, Íris, sei *tudo* da sua vida – disse Polly, presunçosa.

Tudo, menos o fato de a minha segunda melhor amiga ser “aquela velha”.

– Sério, vou conseguir o dinheiro todo a tempo de ter um vestido – confortei Polly, que estava muito preocupada com a formatura. Tanto quanto obcecada pela própria vida sexual e a de terceiros, claro.

– Você tem mesmo que se ligar nisso, você precisa ser mais participativa na sua vida escolar. Não sei no que você gasta tanto tempo pensando, se não é em você – reclamou Polly. E ela tinha razão. Depois de *Amor em atos*, eu só decaí.

A verdade é que acho que não preciso me importar tanto assim comigo se posso investir tempo em um universo onde coisas realmente surreais acontecem. Um universo onde eu sinto frio na barriga, emoção, ansiedade, raiva, tristeza... A novela, às vezes, parece mais real que a própria realidade. Pelo menos ela me causa mais coisas do que a minha rotina pode proporcionar.

Polly me pediu opinião sobre o trabalho dela, contou que viu um dos gêmeos Colosso e que ele estava com uma das grávidas do primeiro ano (coisa que eu sabia, graças a meu ph.D. em enredos dramáticos – obrigada, Maritza, apesar dos pesares) e, por fim, me fez prometer de um jeito bastante ameaçador que eu iria levar a formatura mais a sério.

Em seguida, desligamos o telefone e voltei a me afundar no chão, sem necessariamente sair do lugar, pensando sobre *Amor em atos* e o que eu faria se o cara de quem eu gosto, abre parêntese Cadu Sena fecha parêntese, aparecesse falando que engravidou outra mulher e não vai ficar comigo.

Depois comecei a cair na real, a pensar que Cadu na minha vida, como Edgar na vida de Rosa, é uma coisa completamente impossível. Apesar de habitar o mesmo planeta, vivemos em grupos sociais completamente distintos, e é científica e matematicamente impossível uma aproximação nossa. Se houvesse um cálculo, ele seria definido pela

distância entre pessoas adoradas e pessoas com catapora cuja ausência nem é notada. Deixa eu explicar: sério, faltei duas semanas quando adoeci e ninguém – exceto as (no máximo) três pessoas que cumprimento e pedem meu corretivo emprestado – reparou que eu não estava indo à escola. Quando voltei, um garoto me pediu a atividade do dia anterior, sendo que, cara, eu faltei por duas semanas. Venci a catapora e esperava no mínimo uma bronca dos professores, mas nem eles se deram conta de que eu tinha estado ausente. Inacreditável!

Ficar todo esse tempo no chão comparando a minha inexistente vida amorosa com as de *Amor em atos* me fez lembrar que Cadu já tem uma Rosa. Camila Dourado namora com Cadu desde o primeiro ano. Eu nem tive a chance de mostrar como fiquei quando tirei o aparelho, porque no primeiro dia de aula ela já estava lá flertando com ele na minha frente. Vou me formar e eles continuam juntos. Até a metade do segundo ano eu achava isso um afronte à minha existência. Mas, pouco a pouco, comecei a aceitar que eles até que formam um casal bonito e que vão acabar casando e vou receber um convite. Que espero que, assim como meu recibo de compras na Orégano's Pizzaria (quase cinquenta pratos, nunca extrapolei tanto), a Margot mastigue para me poupar do sofrimento.

A vida real é realmente falha. É por isso que prefiro *Amor em atos*. Mas isso não significa que eu tenha aprovado o desfecho daquele capítulo.

Seria pedir demais que Wilson surgisse no meio da novela – vestido de preservativo – e entregasse um panfleto a Edgar?

Cara, essa novela tá *mesmo* mexendo comigo.

2

OS CORREDORES FALAM



Você percebe que está levando a ficção a sério demais quando começa a se basear nos princípios dela para julgar as pessoas à sua volta.

Eu encarava as meninas grávidas do primeiro ano e só conseguia revirar os olhos. Óbvio que passei a me sentir muito mal quando percebi que só agia assim por causa de *Amor em atos* e Edgar. Ele e Rosa levarão mais milhões de capítulos até que eu volte a estar satisfeita com a minha vida.

Alguma coisa diferente estava acontecendo nos corredores do São Patrique, e eu sabia que não era por causa das grávidas, embora elas tenham sido a notícia principal na boca dos fofoqueiros por semanas seguidas – o que não acho justo, já que os pais dos bebês não ganharam destaque e, fala sério, elas não engravidaram *sozinhas*. Também não era o fato de ser segunda-feira e todos comentarem sobre o fim de semana, como de costume. Não importava o quanto eu tentasse me concentrar em algum dos vinte grupinhos de fofocas espalhados pelo corredor, jamais conseguiria decifrar nada. Não dá pra entender quando todo mundo fala ao mesmo tempo. E, para o meu azar (talvez sorte dos meus tímpanos), o meu armário era afastado dos principais polos de fofoca.

E, sim, estou falando de Priscila Pólvora. A boca dela é quase o *Jornal Nacional*, e todo dia de manhã, antes do primeiro sinal tocar, ela abre o armário comentando sobre algo e, segundos depois, está todo mundo comentando sobre a mesma coisa.

Cheguei atrasada porque fui dormir muito tarde no domingo, tentando ler um dos dezesseis livros de capa perfeita que adquiri no Leoni's. Acabei perdendo o ônibus. Em outras palavras, perdi as notícias da boca de Priscila Pólvora e agora só havia resquícios de vários grupos comentando sobre algo que ela tinha comentado e eu perdi.

Não que eu seja fofoqueira, só estou seguindo os conselhos da Polly sobre me ligar mais no colégio e em mim mesma. Talvez fosse uma notícia que me acrescentasse alguma coisa, nunca se sabe.

Ok, sou provavelmente a pessoa mais curiosa da face da Terra.

É horrível ter que admitir isso, porque posso passar de enxerida a fofoqueira, dependendo da situação. Mas, fala sério, *Jornal Nacional*, quer dizer, Priscila, fala coisas que acontecem nesse colégio que eu jamais imaginaria. É como assistir a uma novela, às vezes. É a única parte da vida real em que realmente *coisas* acontecem.

Claro que só me dei conta da gravidade da situação quando Cadu Sena passou pelo corredor de cabeça baixa e todo mundo parou de focar para olhá-lo. Consegui imaginá-lo com catapora, mas nem com isso causei o impacto que ele causou pelo simples fato de soar triste. Quando ele desapareceu para dentro de sua sala, os murmúrios triplicaram. Parecia que até as paredes tinham boca.

Nesse momento, minha curiosidade atingiu níveis jamais imaginados pela raça humana. E se eu pudesse sequestrar Priscila Pólvora para ter respostas, eu faria isso.

Mas, ao contrário disso, só fui para a sala de aula. Porque eu tinha um trabalho em dupla pra apresentar. E a minha dupla era Igor Grécia, ou seja, minha dupla era eu mesma, porque ele e nada significam a mesma coisa. Maldita seja a pontuação em grupo. Tenho que fazer por dois, se quiser ter nota.

Já podemos concluir que minha segunda-feira estava uma merda, como todas as outras, então eu realmente não precisava que meu

armário emperrasse *justo* nessa altura do campeonato, me deixando sozinha no corredor enquanto o lugar ia pouco a pouco esvaziando. A única parte boa disso tudo foi que dava pra escutar o que alguns grupos em particular falavam quando passavam.

Lista das coisas que eu escutei antes de conseguir girar a minha chave e voltar pra sala: “Ele mereceu, me disseram que foi porque uma das garotas grávidas do primeiro ano é amante dele”, “Talvez ele precise de mais aulas de educação sexual, teóricas e práticas, já que foi trocado justo nas vésperas da formatura”, “Ouvi dizer que ela sempre foi desse time”, “Você viu aquele olhar? Até eu trocaria Cadu Sena” e “Deus não se alegra com essas coisas”.

Com isso, concluímos que a apresentação do meu trabalho foi um desastre e eu não podia culpar Igor Grécia. E sim, única e exclusivamente, a minha cabeça obsessiva, que só queria pensar sobre aquilo, enquanto eu deveria estar falando sobre acontecimentos históricos dos quais eu não conseguia me lembrar, porque com certeza não tiveram nada a ver com os murmúrios no corredor.

É claro que não fui a única na sala de aula pensando no episódio do corredor. Mesmo em meio às outras apresentações, as pessoas continuavam murmurando sem parar, e eu sabia que era sobre “aquilo”, que eu não fazia ideia do que se tratava *ainda*. Me dei conta, para o meu pior pesadelo, que as pessoas estavam olhando em minha direção na sala enquanto fofocavam. Inclusive Priscila Pólvora, que até sorriu para mim de um jeito malicioso e me deixou sem entender o motivo.

É claro que, nessa altura, eu *precisei* me comunicar com Polly.

Acho que as pessoas descobriram sobre o incidente do xixi 09:45

Quê? 09:47

Sério, as pessoas estão olhando estranho e sorrindo estranho na minha direção. Preciso ir embora 09:47

Íris, você pirou? O_o 09:48

Poliana, eu não estou brincando 09:48

Íris, Cadu e Camila terminaram 09:49

Ok, agora eu realmente estou me sentindo péssima. Eu nunca imaginei que o incidente do xixi fosse causar isso.

Meu Deus 09:49

Eu quero sumir 09:50

Íris, não foi por sua causa.
Que autoestima! 09:51

Aqui podemos perceber que eu devia ter apenas uma melhor amiga e ela tem 68 anos. Sim, eu disse isso.

Te explico no intervalo, se você não descobrir antes 09:52

Até porque, você estuda com o Jornal Nacional 09:52

Esperei por esse intervalo do mesmo jeito que tinha esperado pelo primeiro beijo de Edgar e Rosa em *Amor em atos*. E, justamente por isso, ele demorou três vezes mais pra passar. Depois de assinar meu nome na lista de alunos que apresentaram os trabalhos – e falharam miseravelmente –, saí em direção a Poliana “Que Autoestima” Rios. Fui até ela da mesma forma como meu pai sai caçando as crianças que roubam as balas do Pêssego’s quando ele se distrai com a calculadora.

Mas fui impedida de dar qualquer passo quando me deparei com *aquela* cena.

Camila Dourado estava pendurada nas costas de uma *garota*. Elas estavam rindo enquanto uma (das muitas) fã de Camila tirava fotos delas duas.

Em seguida, Camila desceu das costas da menina e enrolou os braços em volta do pescoço dela. A garota, por sua vez, passou uma mecha do cabelo de Camila para trás da orelha dela e elas ficaram se olhando como se estivessem em uma cena de *Amor em atos*. Assim que a garota devolveu o celular para Camila, berrou algo de maneira tão escandalosa e embaralhada que eu não consegui entender direito. Porque, nesse ponto, todo mundo também estava escandaloso e berrando alguma coisa com aquela cena.

Algumas pessoas encaravam como se aquilo fosse a coisa mais *errada* do universo, mas a maioria dos olhares era de aprovação. Ouvi alguns gemidos de fofura, vindos de pessoas que esbarraram em mim enquanto tomavam rumos diferentes ao pátio.

– É, não preciso mais te contar. – Poliana surgiu atrás de mim, segurando meus ombros e me empurrando em direção à fila da lanchonete.
– Camila Dourado está ficando com uma *garota*.

Respirei fundo, meio atordoada. Não por isso, claro, mas porque automaticamente me lembrei de Cadu e de que, se isso fosse mesmo verdade, ele estava completamente solteiro. Ok, um pouco da minha respiração funda foi sim por aquilo, mas, cara, esfregaram uma cena de novela no meu nariz. Como eu deveria respirar? Sou formada em reações exageradas desde *Amor em atos*. Fala sério, escuto Whitney Houston pra chorar após os episódios, as pessoas precisam pegar leve comigo.

– Quem diria... – disse Polly enquanto contava as moedas pro suco.
– Anos de namoro pra ser substituído por uma aluna do mesmo colégio.

Certo, alguma coisa está muito errada nessa história. Porque, vamos por partes, Cadu é o tipo de cara que é bom em tudo. Ele surfa bem, tem medalhas de natação, tem um cabelo cacheado que é a coisa mais bonita que meus olhos já viram. *Eu sei* que ele beija bem, minha intuição sobre beijos não falha, porque eu sabia que meu beijo com o primo de Poliana seria horrível e realmente foi, mesmo ele sendo um cara legal e bonito (me desculpe, Pedro, mas seu rosto lindo não salvou seu beijo extremamente babado). Se, segundo minhas intuições, Cadu beija bem, pela lógica, ele *faz outras coisas bem* também. Então, não foi por sexo, como falaram. Ou porque ele é ruim em alguma coisa, há evidências suficientes do contrário. Que

ele tenha engravidado uma das garotas do primeiro ano, eu duvido. Quem largaria Camila Dourado? Odeio ter que admitir isso, mas ela é tão sem defeitos quanto Cadu – não que eu tenha tido qualquer intuição sobre o beijo dela, ou coisa assim. Em outras palavras, o que quero dizer é: eles formavam *o casal perfeito*, então, preciso de um motivo muito plausível pra esse término.

Ok, vou investigar isso.

– Mas – começou Polly, quando finalmente chegou a nossa vez e fizemos o pedido; ela suco, eu vitamina de banana e morango com um sanduíche natural – não é da nossa conta o que eles fazem ou deixam de fazer com o namoro deles.

É, não vou investigar isso.

– Só é estranho, sabe? – continuou ela enquanto saíamos da frente da lanchonete e procurávamos um lugar pra sentar. – Cadu é praticamente uma celebridade pras garotas daqui. Ele e Camila formavam um casal que parecia ter saído de Malhação. E aí do nada eles terminam e Camila fica, sei lá, com uma figurante de cena. Normal a gente tomar um susto e achar meio esquisito. Será que foi traição?

É claro que eu vou investigar isso.

– Mas, sei lá, ainda acho que, independente de qualquer coisa, as pessoas desse colégio se metem demais na vida dos outros – disse ela, quando sentamos.

Verdade, eu não devo investigar isso.

– Quem é ela? O rosto é muito familiar. Ela com certeza não tinha esse corte de cabelo de garoto antes. Todo mundo teria reparado.

“Teria?”, eu me perguntei. A verdade é que eu vivia tão imersa no meu mundo que eu não tinha certeza da resposta.

– Ou não, né? Sei lá. Vai ver ela falta muita aula, ou foi uma das alunas que passou naquele projeto do intercâmbio ou só mudou o cabelo agora. – Polly parecia surpresa, observando o novo casal do São Patrique. Camila estava sentada no colo da garota, tomando refrigerante.

Do outro lado, Camila e a garota pareciam estar presas num universo só delas. Eu, de boca propositalmente cheia, concordava com tudo o que Polly dizia com sonoros “hum”.

– Não é estranho que precise acontecer uma coisa dessas pra gente notar a existência de algumas pessoas? Quem será essa menina?

Dei um último gole na minha vitamina; eu *preciso* investigar isso.



Sei que não existe um pingão de dignidade no que eu estava fazendo. Quer dizer, foi totalmente por impulso. Acho que até andei levando a Semana de Combate à DST a sério demais. Minhas últimas aulas eram do professor Marcelo, que quebrou a perna na maratona de ciclistas de São Patrique quatro dias antes. Ele ainda não tinha se recuperado, disseram que foi horrível. Ou seja, eu estava sem aula. *Completamente livre* pra fazer o que eu quisesse, e digamos que, talvez, ler alguns livros de conteúdo sexual estivesse incluído nisso. Não acredito que eu passei todo esse tempo achando que beijo grego era um beijo que dão na Grécia. Tô me sentindo inocente de um jeito que já não sei mais se considero saudável.

Ah, e eu amo o Leoni's. É muito longe do colégio e ao mesmo tempo é perto da minha casa. Essa livraria de madeira cheirando a café fresco é definitivamente o meu refúgio. Também é o lar de criaturas estranhas e cruelmente críticas como Maurício. É claro que demorei muito tempo pra perceber que ele estava me observando enquanto eu lia *Por que ela não goza?* Que fique declarado aqui o meu arrependimento.

– É por isso que não me envolvo no mundo heterossexual – disse Maurício, e me peguei fechando as páginas em uma fração de segundos. Isso me fez derrubar o livro com um barulho estrondoso no piso de madeira. Estávamos no mezanino da livraria e pude ver León, o gerente, nos olhar da caixa registradora.

– O que você tá dizendo? – perguntei, me fazendo de desentendida.

– Procure no mundo um livro que fale sobre “problemas de orgasmo” no sexo homossexual e te dou café de graça por dois meses seguidos. – Maurício cruzou os braços, me observando abaixar para pegar o livro. – Não acredito que você perdeu a virgindade e não me contou.

Sim, Maurício sabe que sou virgem. Apesar de sermos amigos, ele descobriu sozinho.

– Você tá curiosa sobre sexo ou sobre como *alguém* é no sexo? – Ele arrebitou o nariz, passando o espanador pela prateleira. E foi com essas palavras que ele descobriu sobre minha virgindade. O Maurício tem uma intuição estupidamente boa e eu nunca vou entender isso. É bizarro. Sempre me perguntei se deveria apostar na loteria depois de perguntar os números a ele. Mas ele jura que nunca ganhou nada em sorteio.

– Só tô com tédio, não tive as últimas aulas. – Arfei, colocando o livro no lugar. – O número de pessoas virgens naquele colégio diminuiu muito nessa semana.

– Vá se acostumando... – Ele me olhou de canto. – Na faculdade, pessoas virgens são uma lenda urbana.

– Prazer. – Me virei, pegando o espanador da mão dele. – Lenda Urbana.

– Em nome de Madonna, você acha mesmo que vou acreditar nisso? Ainda mais quando você sair do São Patrique. – Maurício me olhou de cima a baixo, tomando o espanador de volta. – Você é a cara do fogo no rabo, sua fingida.

Me peguei rindo *um pouco* mais alto do que o tolerado pelo eco do Leoni's. Sério, a gente fala tudo muito baixo, porque o eco da loja é onipresente e insuportável. Uma vez falei mal da Camila Dourado, o Léon ouviu e me olhou com uma cara desconfiada. Ele é cunhado da Camila.

– Você não vai acreditar no que tá acontecendo... – eu disse, dessa vez sussurrando. – Camila tá ficando com uma garota.

Outro estrondo, dessa vez, o espanador.

– Como é que é? – Ele parecia incrédulo e me puxou pelo braço para um dos corredores entre as prateleiras enormes de livros. Um verdadeiro labirinto. A gente sempre adentrava lá, porque era escuro e silencioso. Eu também ia pra lá sozinha, sentava recostada em alguma prateleira pra pensar sobre minha vida quando algo pesado acontecia. Tipo quando a Margot ficou internada porque algum bicho venenoso picou ela. Ou aquela semana sem *Amor em atos*, quando a TV só exibiu jogos de um campeonato de futebol.

Eu já estava rindo, porque sempre ria quando a boca de Maurício virava um “O” perfeito.

– Então quer dizer que a *queridinha* não é hétero? A irmã homofóbica dela já sabe disso? Me conta *tudo* agora.

– Sério. Tipo, eu achei estranho. O Cadu é incrível e... – comecei a falar, mas fui interrompida pela impaciência de Maurício.

– Já entendemos que você é apaixonada por esse menino. Prossiga.

– Não sei se a Renata sabe, mas elas estavam de caszinho no colégio – eu disse, franzindo a testa. A irmã da Camila já tinha procurado todos os motivos mais fúteis pra fazer com que Léon se irritasse com o Maurício. O Léon não caía em todos, mas como ela sempre armava di-reitinho, ele acabava se deixando levar em alguns casos. Renata Dourado sempre tem coisas preconceituosas (que ela pensa serem piadas) para dizer, especialmente a Maurício.

– Gente, quando a Renata souber... – Maurício não continuou, porque, bom, como eu falei... O eco entrega tudo neste lugar. E era impossível não perceber o sino da porta da loja somado à voz irritante de Renata falando “Oi, meu dengueinho” para Léon, no andar de baixo. – Sabia que se você falar *Oi, meu dengueinho* três vezes na frente do espelho aparece a Renata?!

Tentei não rir, mas, como na minha apresentação mais cedo, falhei.



As pessoas acham que é incrível quando seus pais são donos de algum estabelecimento porque você ganha regalias. Não posso negar a parte das regalias, eu realmente como trezentos bombons diariamente sem pagar nada, mas, falando sério, são roubados. Porque sempre que estou a centímetros de pegar algo nesse supermercado, meu pai surge das cinzas, como vilões aparecem em filmes.

– Esse salgadinho custa dois e noventa e nove – ouvi sua voz atrás de mim, seguida daqueles braços desnecessariamente peludos tomando o salgadinho da minha mão. – Eu já te disse, você pode comer o que quiser no mercado do papai, mas vai ter que pôr o boné.

O boné é a parte preferida do meu pai, e igualmente – numa escala de pelos no braço dele – desnecessária na farda do Pêssego's. Realmente sinto muito por Carina e Seu Solizeu, que trabalham aqui há milênios. O Pêssego's não tem tantos funcionários porque não é um mercado assim muito grande. Mas Carina e Seu Solizeu passam a “vergonha do boné” há mais tempo que os outros. Sendo bem honesta, esse boné é a coisa mais zoadá que eu já vi. É ser o Wilson vestido de preservativo todos os dias. E o sonho do meu pai é que eu trabalhe no Pêssego's e “crie maturidade financeira”, como ele diz. “Filha”, ele começa, “quanto mais você precisa gastar do próprio dinheiro, mais você aprende a economizá-lo.” O que não é verdade. Consigo dinheiro passeando com Lorie e Lanterna para ajudar a Dona Símia. E quanto mais eu gasto do meu próprio dinheiro... Mais eu gasto do meu próprio dinheiro. Pizzas e bons livros não são de graça.

– Mamãe saberá disso – eu disse, friamente. Aproveitei que ele se virou e roubei um bombom. Coloquei de vez na boca e tentei mastigar o mais rápido que pude, pra que ninguém percebesse.

Carina me pegou no flagra, mas, como sempre, ela só espremeu os olhos e tentou não rir. O único que conta as coisas aqui é Seu Solizeu. Isso dificulta muito nossa amizade.

– Não vai ficar perturbando sua mãe com qualquer coisa – disse meu pai, abrindo a primeira caixa de papelão de uma pilha de três. Eu estava pronta pra saltitar por um produto novo (talvez uma nova marca de bombom ou as revistas que tanto peço pra ele passar a vender), mas eram preservativos.

Estou sendo perseguida por adereços sexuais em todos os lugares possíveis. O que tá acontecendo?

Meu pai percebeu que eu estava encarando a caixa um tanto assustada.

– Filha, você não precisa olhar isso, se não quiser – disse ele, cauteloso. – Eu até prefiro que você não queira.

– Não, é só que eu não aguento mais ver preservativo na minha frente – reclamei, mas só percebi que tinha sido mal interpretada quando vi que Carina, Seu Solizeu, meu pai e outros dois funcionários que estavam por perto etiquetando latas me encaravam com os olhos

arregalados de pontos diferentes do supermercado. – Porque no meu colégio tá tendo umas palestras sobre isso – completei, desejando ser invisível.

Ouvi Seu Solizeu murmurar “graças a Deus” na frente da máquina de refrigerante.

– Hum... É sempre bom conversar com seus pais sobre essas coisas – disse meu pai, sendo o típico Ermes Pêssego versão avermelhada e sem graça. – Mas evite sua mãe esses dias, ela tá muito estressada com o trabalho.

Agora o “Bom dia pra quem?” quando eu a cumprimentei de manhã fazia sentido.

– Só passei pra dar um oi, tô cheia de trabalho acumulado pra fazer – falei distraída, brincando com a máquina de etiquetas abandonada pelos funcionários.

– Pode pegar o seu salgadinho. – A voz serena de quando papai está de bom humor surgiu entre o barulho de fita adesiva que ele usava agora para selar as caixas de volta. – Mas coma pensando sobre o boné.

É, nada é completamente de graça na vida de Ermes Pêssego.



Só percebi que tinha acordado tarde demais quando não passou um ônibus sequer no ponto e meu desespero chegou a níveis elevados. Tão elevados que tive que recorrer à yellow. Sim, eu achava legal nomear bicicletas quando tinha quatorze anos. Cara, fala sério. Tenho a sensação de que o universo inteiro conspira pra estragar minha vida escolar. Só no primeiro período, eu tinha duas atividades valendo nota pra entregar. Realmente extrapolei. Não acredito que me deixei levar pelas sugestões do YouTube. Passei quase a madrugada inteira vendo vídeos aleatórios, em vez de simplesmente terminar o meu trabalho e dormir. Qual o meu problema? E até agora ainda não descobri se formigas têm ou não joelho. Esse é o nível das minhas prioridades. Realmente mereço o que está acontecendo comigo.

Minha confiança em mim mesma é tão grande que toda vez que pego uma bicicleta, mesmo tendo certeza de que já decifrei como pedalar, parece que estou aprendendo pela primeira vez.

Até chegar no São Patrique, quase fui atropelada quatorze vezes. E minhas curvas foram péssimas e mal calculadas.

É claro que eu estava horrível quando cheguei. Apesar de ter herdado esse cabelo castanho e ondulado de mamãe, ao contrário do dela – que sempre está perfeito naquele rabo de cavalo –, o meu se transforma em uma coisa ainda não identificada quando toma vento demais. Tentei conter a situação passando a mão nele sem parar. Não adiantou de muita coisa. Eu sabia que estava horrível.

Decidi checar o celular enquanto prendia a minha bicicleta. Não que eu precisasse. Quem roubaria uma bicicleta amarela naquele colégio?

Polly Pocket:

Eu vou te matar 00:49

Você vai morrer 08:16

É, nada de novo nas minhas mensagens.

Corri pra sala, ciente de que teria que me humilhar pra professora Carola se ainda quisesse entrar no primeiro período e levar a pontuação que, depois das formigas e do YouTube, não sei se eu merecia mais.

Passei pelos corredores sem ninguém notar a minha existência, como sempre. Deixei uns livros do próximo período no meu armário e fui rezando a todos os deuses para que eu conseguisse entrar naquela sala.

Só percebi que deveria ter rezado por outra coisa quando já me encontrava de pé na porta da sala. Eu não sabia exatamente como andar sem parecer estar prestes a passar mal. A professora Carola não estava na sala, mas tinha alguma coisa escrita no quadro, parecia uma atividade nova. Ela provavelmente voltaria dali a alguns instantes. Mas não era por isso que eu tinha ficado nervosa.

Agora fazia sentido todo mundo ter olhado tanto tempo na minha direção naquela aula. Ninguém estava *olhando* pra mim.

A garota, a nova namorada de Camila, estava sentada ao lado da minha carteira. E ela, como todo mundo, me observou entrar atrasada na sala. Foi quando entendi o comentário sobre os olhos dela que eu tinha escutado naquele dia no corredor. Eles pareciam me engolir, mesmo que a expressão facial dela demonstrasse não estar dando a mínima para a minha presença. E a prova disso foi que ela desviou o olhar antes mesmo que eu alcançasse minha carteira.